

## FOTO LIVRO: AUSÊNCIAS E MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS POÉTICAS VISUAIS DA FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA FINE ART

Luiza Souza Goyaz<sup>1</sup>  
Luciana Miranda de Carvalho Montanheiro<sup>2</sup>

**Resumo:** A fotografia passou e passa por várias épocas e estéticas visuais, tendo 3 fases: de 1839 a 1920 é considerado fotografia antiga, de 1920 a 1980 a fotografia moderna e dos anos de 1980 até os dias atuais e considerado a fotografia contemporânea. Dentro da fotografia contemporânea houve o processo de transformação, onde deixou de ser um método de simples registro de momentos passando a ser uma forma de expressão e interpretação artística. Hoje encontramos dentro da fotografia contemporânea ressignificados e construções de novos estilos e processos criativos. O estilo imagético Fine Art, que se trata de uma forma expressiva que o fotógrafo mostra uma inquietação, problemáticas e outros temas trabalhados de forma lúdica com intervenção do homem. Irá transpor o aspecto literal da mensagem e abordar a subjetividade da visão do autor para que o público se encontre dentro da obra. A intenção não é apenas registrar e sim construir uma mensagem, diferentes interpretações e emoções retratadas na imagem.

**Palavras-chave:** Fine art. Fotografia Contemporânea. Subjetividade. Foto livro. Autorretrato.

## PHOTO BOOK: ABSENCES AND MEMORIES THROUGH THE VISUAL POETICS OF FINE ART FINE ART

**Abstract:** Photography has gone through and goes through various eras and visual aesthetics, having 3 phases: from 1839 to 1920 it is considered ancient photography, from 1920 to 1980 modern photography and from the 1980s to the present day it is considered contemporary photography. Within contemporary photography there was a process of transformation, which stopped being a method of simple recording of moments, becoming a form of artistic expression and interpretation. Today, within contemporary photography, we find new meanings and constructions of new styles and creative processes. The Fine Art imagery style, which is an expressive way that the photographer shows a restlessness, problems and other themes worked in a playful way with the intervention of man. It will transpose the literal aspect of the message and address the subjectivity of the author's vision so that the audience can find themselves inside the work. The intention is not just to register, but to build a message, different interpretations and emotions portrayed in the image.

**Keywords:** Fine art. Contemporary Photography. Subjectivity. Photo book. Self-portrait.

<sup>1</sup> Discente do curso de Comunicação Social- Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. E-mail: [luizagoyaz@hotmail.com](mailto:luizagoyaz@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1176-7544> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6223182913363272>

<sup>2</sup> Professor/a do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Mestre/a em Mestre em Artes e Culturas Visuais pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Especialista em O Discurso Fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7691382316376013> E-mail: [porf.lucianamiranda@gmail.com](mailto:porf.lucianamiranda@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1176-7544>

## INTRODUÇÃO

A fotografia será a base deste trabalho como suporte para transmitir as minhas inquietações em forma de imagens. Logo, ela será abordada por alguns caminhos dentro da história e será amparada por autores que irão contribuir para linha de raciocínio que levará ao produto que é um foto livro. O título deste produto “Ausências e memórias através das Poéticas Visuais da Fotografia Contemporânea Fine Art” nos guiará para escrever sobre alguns conceitos.

O foto livro irá mostrar uma homenagem e, ao mesmo tempo, a subjetividade em relação aos sentimentos e conceitos das ausências no tempo presente. Todas as dores, problemáticas e reflexões internas serão materializadas e contextualizadas através de imagens fotográficas com apoio de textos como parte delas – um casamento perfeito entre o verbal e o não verbal.

A priori, abordaremos brevemente a história da fotografia contemporânea, as influências dos movimentos artísticos da história da arte, além da ajuda que os avanços tecnológicos fizeram para ela alcançar o status de arte. Para isso, contaremos com os autores Maud (2013), Entler (2009), Tavares (2009) para nos guiar nessa trajetória. Fato é que os estudos das produções e execuções imagéticas usufruindo as novas tecnologias tornou a fotografia mais conceitual devido às descobertas de novas estéticas. O processo de impressão, por exemplo, tornou-se mais acessível e com uma produção mais rápida; e o ato de armazenar imagens, não apenas de forma física, que tinha todo um cuidado com humidade do ambiente, exposição solar e calor, hoje o armazenamento em álbuns, impressões e armazenamentos em nuvens, facilitam o compartilhamento de imagens.

Em seguida, buscaremos as possibilidades das hibridizações como possibilidades de ressignificações dentro da fotografia. Sendo assim, a fotografia poderá se expandir além do papel, do físico, do digital. Ela, a imagem fotográfica, poderá ser usada através de novos experimentos revelarão novas possibilidades. Para isso, contaremos com os autores Fatorelli e Sontag (2008) para nos conduzir nessas teorias e seguir para o próximo conteúdo.

Após esse percurso, buscaremos conceitos para entender como o retrato e autorretrato poderão fazer parte do projeto prático deste trabalho de conclusão de curso. Pois, queremos colocar as inquietações como sentimentos, mas ao mesmo tempo, precisaremos personificar e humanizar as fotografias a serem produzidas. Tudo pode parecer confuso até o momento, mas

acreditamos que os autores Rauen e Momoli (2015), Medeiros (2020), Deleuze (1968), Pessoa (2006), Hall (2018) e Falcão (2007) podem mostrar os caminhos para novas descobertas.

Diante dos estudos da Fotografia Contemporânea e do Autorretrato, iremos para o viés da estética imagética Fine Art. O estilo fine art se caracteriza dentro da fotografia contemporânea terá o objetivo de transpor o aspecto literal da cena ou do assunto fotografado para transmitir uma mensagem. Poderá significar também fazer uma imagem que compartilhe uma visão particular, uma interpretação, um aspecto metafórico da mensagem. Ou seja, construir uma imagem e não apenas registrá-la.

Na estética Fine Art escolheremos as linhas de pesquisas que sem complementam dos autores Bittencourt (2015), Dobransky (2008), Briot (2011), Rouillè (2009), Barret, Steinmüller e Gulbins (2011). Mas, não abordaremos aqui neste corpo teórico a impressão Fine Art, e sim o estilo estético.

Diante de todo o processo teórico a ser estruturado, partiremos para o produto prático deste trabalho: o foto livro digital. Nessa etapa iremos abordar de forma bem pessoal, como um diário de produção. Sendo assim, alguns pontos como pré-produção, produção e pós-produção conduzirão a leitura das imagens. Enfim, podemos agora partir para a nossa pesquisa.

## FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Com o advento da fotografia, muitos caminhos foram se formando para serem nomeados os diversos processos imagéticos que foram inventados e estudados durante os anos desde o início da fotografia em 1826. Desde então, o avanço tecnológico até que chegou ao ponto de as câmeras fotográficas ficarem mais acessíveis financeiramente para a população.

Os temas que eram retratados no século XIX, tinham os objetivos apenas de mostrar imagens que eram vistas pelo fotógrafo. Em seguida, veio o momento em que essas imagens puderam serem impressas fisicamente, fazendo com que a fotografia se tornasse uma forma de expressão artística, documental, pessoal, que abordava temas como: memórias, histórias, identidades familiares, povos e culturas; como a autora Ana Maria Mauad (1996) afirma:

As fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Quotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimentos. (MAUAD, 1996, p.5).

Dentro de uma linha cronológica, a história da fotografia e dívida em três momentos: de 1839 à 1920 com a fotografia antiga; de 1920 à 1980 com a fotografia moderna e dos anos de

1980 até os dias atuais toda imagem produzida desde então é considerada como fotografia contemporânea, esta é a forma que o autor Entler (2009, p.1) caracteriza como dizer que algo é contemporâneo ou não, como: “com contornos escorregadios, resta apreender que, mais do que um procedimento, uma técnica, uma tendência estilística, a fotografia contemporânea é uma postura”.

Fato é que a fotografia contemporânea está totalmente ligada à arte moderna que se caracteriza na desmaterialização da arte. Esta forma de arte considera qualquer música, escultura, teatro, pintura, fotografia e objeto como arte, se tornando cada vez mais ousada e menos óbvia. Tavares (2009, p.125) completa dizendo que “o visível não é necessariamente aquilo que se nos é apresentado perante os olhos, e sim uma profunda transformação do real e as suas influências”.

É importante dizer que o estilo contemporâneo se inicia com influências do movimento pictorialista na década de 1890, que era caracterizado pela luta da fotografia como arte. E, as imagens fotográficas pictóricas daquela época eram feitas por fotógrafos que queriam mostrar além da técnica principal da fotografia como a valorização do ato de fotografar. Suas produções eram representações de suas inquietações e assuntos subjetivos/pessoais expressados como arte.

Várias técnicas como fotomontagens, retoques e manipulações já eram testadas nas imagens do século XIX. Tavares (2017 p.27) cita em sua publicação que “também havia a manipulação das imagens à mão para alteração de granulação e tons, fazendo com que essa aproximação plástica com a pintura trouxesse um caráter mais artístico”. Esse foi o berço da fotografia contemporânea no que diz respeito às formas de interferências sobre as imagens. E, isso nos conduz a interpretar que o movimento pictorialista e seus processos imagéticos contribuíram para que, mais tarde, a fotografia fosse nomeada como uma forma de arte.

A fotografia contemporânea não é apenas um estilo, e sim o resultado das posturas dos artistas de 1980 que usavam um tom crítico nas suas fotos como uma forma de cobrança e resposta há tudo que estava acontecendo na sociedade naquela época. Logo, eles viram que essa era a forma que encontraram para comunicar através de suas obras com o seu público a representatividade do momento que estavam vivendo.

Por outro lado, o processo para os fotógrafos da década de 1980 serem reconhecidos como artistas gerou um grande conflito com os artistas das artes tradicionais/plásticas do século XIX. Eles tentaram se encaixar para conseguir um lugar onde a fotografia fosse caracterizada como arte e o fotógrafo como artista, mas eles enfrentaram alguns problemas como:

A ansiedade para a fotografia ser reconhecida como arte gerou duas reações opostas: ora a fotografia tentou absorver forçosamente efeitos superficiais da pintura, ora buscou se fechar nos limites de sua técnica para não se confundir com outras formas de expressão, sobretudo aquelas que lhe eram hostis. Ambas as atitudes apenas contribuíram para seu isolamento, seja porque buscaram um estatuto estético que lhe fosse exclusivo. Felizmente, esse foi um problema de ordem mais retórica do que prática, e tanto os pictorialistas quanto os mais puristas deixaram boas contribuições para a posteridade. (ENTLER, 2009, p.11)

Após os conflitos, os fotógrafos e artistas deixaram de se perguntar qual tipo de arte que estava sendo feita, e sim o que eles e suas obras queriam transmitir para o público. Nasceu, então, uma nova linguagem que seria entendida por todos, e assim, mesclaram várias técnicas das artes tradicionais, aplicaram na fotografia e criaram formas e meios de se fotografar, como é reforçado pelo autor Tavares (2008, p.119) quando diz que “é neste clima de eufórico entusiasmo que a fotografia ganha o seu “posicionamento artístico”, lado a lado com as formas mais tradicionais e ditas “nobres” da arte”.

Desde então, a evolução tecnológica foi e ainda é a grande aliada do fotógrafo contemporâneo para que ele possa continuar desenvolvendo e aprimorar seus estilos fotográficos ao utilizar iluminações naturais e/ou artificiais, estúdio, locações, modelos dentre outros meios que hoje ajudam a inserir a fotografia no espaço da arte. Fato é que a fotografia vai além da imagem congelada e inexpressiva, e sim ela se torna todo um documento artístico da obra, com todo o seu processo desde a pré-produção até a pós-produção.

Outro fato importante a ser pontuado aqui é que a fotografia foi bem aceita no campo da ciência, como um documento de uma nova linguagem visual mostrando o mundo e suas experiências. Uma nova forma de mostrar a realidade de sonhos e criações fictícias sobre locais que antes não conseguiam ser vistos por todos, uma imagem que poderia ser vista a qualquer tempo, lugar ou parte do mundo, dando ao homem a possibilidade de guardar lembranças de bons momentos ou a retratação de sua visão artística de algo.

A fotografia contemporânea tem uma nova proposta imagética de mostrar a realidade e suas questões, inquietações e subjetividades. E, ao mesmo tempo mostrar a presença do homem na sociedade, suas dores, alegrias, desconfortos, criando uma janela para o real e para a ilusão sobre algum tema que o fotógrafo quer mostrar através de suas imagens.

Uma das grandes características nas produções contemporâneas são as fotografias autorais, sendo que elas não são contratadas comercialmente para que possam ser produzidas, mas que posteriormente elas podem vir a serem vendidas/comercializadas. Este tipo de

fotografia expressa exclusivamente a visão do autor diante de um fato ou acontecimento pessoal.

A fotografia entra no processo de desconstrução discursiva, retomando a questão ao referente, ao autor e não mais ao desejo do público e a sua compra como produto, será apresentada em uma nova forma, novo contexto. E ela, a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolário desse momento de inscrição do mundo na superfície sensível, segue-se as convenções e opções culturais historicamente realizadas”. (MAUAD, 2005, p.136).

O processo de análise destas imagens e o seu processo criativo abre todo um processo antropológico e cultural do autor, e pode ser reconhecido por indivíduos do mesmo grupo, ou aqueles que desejam mais conhecimento, a semiótica também entra como um elemento de signos, que suas diferenciações por região ou país, podendo ser interpretada de várias formas, mas não abordaremos aqui neste trabalho, nenhuma visão semioticista no momento.

Dentro da contemporaneidade, as fotografias não apresentam uma verdade única, e sim buscam estimular o leitor a perceber temáticas, conceitos, práticas culturais dentro delas. Sendo assim, essas imagens fotográficas propõem relacionar estes indivíduos com suas realidades sociais e construtivas de acordo com suas percepções subjetivas.

Diante disso, a junção de uma problemática, estímulos sociais, estudos contemporâneos, e abordagens inovadoras costumam ser o foco de vários processos fotográficos que utilizam a estética fine arte, e estes resultam no surgimento de problemáticas do artista, da sociedade atual como uma forma de intertextualidade.

Nota-se também que a bagagem pessoal, social e cultural do fotógrafo que deseja lidar com determinados temas e apresentá-los para o mundo com a sua visão textual imagética, pode-se mencionar como um complemento a esta linha de raciocínio as palavras da autora Maud (2005, p.141) ao dizer que “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultados de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e o leitor. Cada um desses três elementos integra o resultado”. Logo, a imagem fotográfica também é tida como texto visual, pois o espectador ao apreciá-la, irá lê-la para absorver as mensagens ali contidas.

Diante desse cenário, outro processo imagético que contribui para a intertextualidade imagética é a hibridização da fotografia. Logo, esta nova forma de ressignificar a imagem com a soma de outros elementos visuais a ela, têm-se o avanço tecnológico como facilitador para a sua execução. Desta maneira, no desenvolvimento das produções fotográficas com a utilização das tecnologias, como por exemplo, manipulações digitais na fotografia, contribui muito para

no processo criativo do autor e a imaginação do seu leitor, como mostra o Antônio Fatorelli em:

De modo bem diverso, a investigação orientada pelas relações diferenciais estabelecidas pela dinâmica da dupla articulação acolhe as configurações híbridas e os múltiplos formatos, além de revelar a intenção de entrever um horizonte de possíveis, inclusive de conceber o advento de modos fotográficos ainda desconhecidos. (FATORELLI, 2017, p.57)

55

Portanto, o estilo híbrido dentro da fotográfica contemporânea mostra um dispositivo metalinguístico que vai apresentar uma nova linguagem ressignificando assim o conteúdo imagético produzido. Para a elaboração de novas fotografias híbridas, também pode-se usar a apropriação de imagens já existentes, e assim proporcionar novos significados a elas, imprimindo assim, processos de transformações feitos pelo artista; como também acontece na literatura, nas artes plásticas, no cinema e no teatro, ao apresentar algo já existente, mas com transformações ou novas reflexões. Isso mostra que a fotografia contemporânea ainda está passando pelo seu processo de criação, identificação e de agregação de novos estilos e valores. E Sontag (1981, p.4) complementa dizendo que qualquer imagem pode “ser reduzida, ampliada, cortada, retocada, consertada e distorcida”

Pode-se então dizer que o processo imagético da fotografia contemporânea sempre estará em processo de construção, pois o fotógrafo trabalhará suas inquietações e plasticidades junto à tecnologia que não cessa sua evolução. Mas, não se pode deixar de estar ciente que os assuntos abordados dentro do universo da fotografia contemporânea estão relacionados aos contextos do indivíduo com questionamentos, relatos, problemáticas, dentre outros assuntos da sociedade em que se vive. Além de mostrar suas subjetividades não apenas o perfeito e o ideal para o fotógrafo, e sim as imperfeições, as mudanças, os erros, e a importância do indivíduo se sentir representado e ouvido através da imagem fotográfica. E, o autorretrato é uma das técnicas que pode desempenhar esse papel com grande eficácia.

## IMAGEM DE SI: AUTORRETRATO

Antes de falar sobre o autorretrato, se faz importante conceituar a técnica do retrato sendo que sua palavra vem do latim “*retratctus*” que significa tirar para fora, copiar. O retrato, segundo a Enciclopédia de arte online do Itaú Cultural também pode ser identificado como a “representação de uma figura individual ou de um grupo, elaborada a partir de modelo vivo, documentos, fotografias ou com o auxílio da memória; o retrato tem seu sentido primeiro ligado

à ideia de mimese (do latim retrahere, copiar)”. O fotógrafo quando faz um retrato de alguém, ele mostra a pessoa através da fotografia, mas não com a carga subjetiva como o autorretrato.

O indivíduo como ser pensante dentro de uma sociedade tenta se identificar como um ser humano único com suas características, visões e dores como forma de se sentir diferente de todos. É aí que entra o autorretrato como uma forma de expressar esta diferenciação de indivíduos e individualidades, as buscas de compreensões sobre suas dores através de pinturas, fotografias ou esculturas. Rauen e Momoli (2015, p.52) contextualizaram essa técnica de se auto fotografar ao dizerem que “o autorretrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de registrar a própria existência e foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo, mas sempre foi visto como uma busca de si mesmo”.

Pode-se dizer então que a técnica do autorretrato como uma construção de identidade ou a busca pelo despertar para o autoconhecimento, e propõe uma ligação entre ele o público através da imagem de si mesmo, dentro de uma temática subjetiva, totalmente expressiva ao mostrar a relação do fotógrafo com a arte:

Busco, assim, uma maneira de sentir-me igual em relação aos outros na sociedade em que vivo. É um modo de reconhecer-me, de olhar para minhas máscaras, pois acredito, que o autorretrato é, sem dúvida, um aparato pelo qual é possível representar as fantasias e devaneios, tendo como base a ideia de verossimilhança e da duplicação de si mesmo. (MEDEIROS, 2000, p.91)

O autorretrato dentro do contexto da fotografia contemporânea, mostra o artista que aborda suas subjetividades, contextos sociais, inspirações artísticas e inquietações. Há também uma liberdade no processo criativo, onde os fotógrafos podem criar, experimentar novas formas de se fazer uma fotografia. Assim, a imagem fotográfica passa a ganhar o status arte. E, o interessante é que, diante disso, o autorretrato começa a ser visto como a essência materializada do artista, onde ocorre a idealização de um processo de identidade e de descobertas de si.

Este artista, que pode ser o fotógrafo, começa então as buscas interiores e reconhecimentos de seus paradoxos, suas contradições e suas complexidades, e assim, pode passar a desejar externalizá-los como uma forma “colocar para fora” aquilo que te incomoda, que te inquieta. Logo, há uma exposição de uma dor particular que pode ser individual do artista ou, até mesmo, se houver a identificação do espectador com a imagem, ele se apropria dela. Segundo Deleuze (1998, p.414) “o autor larga o seu eu idealizador, e sim um eu com problemas, imperfeições, que traz a identificação de outros indivíduos, e mostra uma jornada que só foi criada após o próprio olhar interno”.



Ainda convém lembrar que a problematização individual é ponto inicial no processo criativo da fotografia contemporânea. Fato é que o indivíduo começa a questionar tudo à sua volta e, ao abordar as problemáticas de forma criativa, o fotógrafo apresenta então, uma nova proposta de cunho subjetivo.

Outra análise interessante, mas que contribui com o que já se foi falado acima é que, segundo Pessoa (2006, p.1) diz que o autorretrato é de certa forma “uma afirmação de presença, ou melhor um registro dela. É a memória de estar visível entre as coisas visíveis. É a prova de estar incluído no mundo, e não isolado dele”. A autora ainda mostra uma visão que começa a partir da arte contemporânea, onde era cobrado dos artistas se expressarem, ter e criar obras com conceito e não apenas mostrar o que era visto, era a forma deles de se mostrarem presentes e a sua visão de tudo que era vivido.

Seguindo no contexto de representação como indivíduo no autorretrato os autores David Harvey (1994) e Stuart Hall (2005) colocam que “o autorretrato não se configura apenas como uma representação narcísica, mas como uma forma de representação da própria identidade, incluído aí o estranhamento característico do homem contemporâneo”(FALCÃO, 2008, p.1775). Estes relatos mostram que o artista deixa do âmbito narcisista da representatividade do homem, e sim a procura de fragmentar, ressignificar e problematizar o indivíduo, dando aberturas para novos contextos e realidades, não mostrando apenas o belo e sim tudo que o representa.

Fato é que na pintura e na fotografia onde mais se utiliza o autorretrato. Porém ambas as formas artísticas o autorretrato é executado de formas diferentes e com conceitos diferentes, sendo que na pintura o homem se fantasia no lúdico, pois o ato de pintar já traz algo mais artístico, surreal. E, na fotografia uma forma mais realista. E Falcão (2007, p.1771) complementa dizendo que “como uma forma de burlar a lógica da verossimilhança, a prática do autorretrato fotográfico aproximou-se muito do teatro, ao incorporar a simulação e a *mise-en-scène* para manipular a imagem do eu.”

Seguindo a ideia de externizar inquietações através do autorretrato, se faz necessário escolher uma estética que junte a fotografia híbrida, o autorretrato e as inquietações causadas pelas memórias das ausências. E, buscando através de pesquisas, o estilo Fine Art é o que mais se encaixa dentro da proposta visual para o produto deste trabalho de conclusão de curso.

## A FOTOGRAFIA FINE ART COMO ESTÉTICA VISUAL

O estilo estético fine art não se limita apenas à produção fotográfica, e sim também à um dos processos de impressão chamado também de fine art. No que diz a respeito de impressão, as fotografias são impressas em papéis feitos com fibras de algodão e com PH neutro que mantém a sua duração por volta de até 250 anos. Sendo este processo o mais indicado para fotografias cujo destino são para exposições em museus, pois mantém a beleza e a durabilidade da impressão.

Como o próprio termo fine art printing expressa, é a impressão de maneira altamente artística, oferecendo controle de todo o fluxo desde a captura até a impressão final. Permite as imagens criadas digitalmente ou em filme após processadas e aprimoradas com o software de tratamento poderão representar com maior precisão na sua impressão final. De acordo com Steinmüller e Gulbins (2011, p.3), a fotografia fine art pode ser denominada como “um esforço sensual, e em virtude de sua elevada natureza tecnicista de impressão, esse processo não deve ofuscar sua habilidade de sensibilizar os sentidos”.

Mas, este trabalho vai abordar ou outro viés do conceito Fine Art: um estilo estético fotográfico que se caracteriza pelo tom fantasioso, impulsos emocionais e criativos e tem como principal intuito não ser comercial, isto é, não sendo um viés para trabalhos publicitários. E Bittencourt (2015, p.22) conceitua esse estilo fotográfico como “um belo anúncio publicitário do ponto de vista estético e artístico, jamais será “fine art”. Fine art é a antítese de qualquer processo comercial [...]”.

Como toda veiculação publicitária necessita alcançar muitos receptores, pode ser que a mensagem de uma imagem fine art não seja o caminho mais eficaz para a publicidade e pode ficar inconclusiva no seu processo de transmissão de mensagens para todo o público. E, isso pode fazer com que a campanha possa se perder do seu objetivo final. Isso não quer dizer que ela, mais tarde, não possa ser comercializada.

É muito importante diferenciar aqui a fotografia comercial que é contratada da fotografia autoral que pode ser comercializada futuramente, esta última pode vir a ser vendida ou reproduzida. Logo, na parte prática deste trabalho de conclusão de curso buscamos trabalhar a fotografia autoral, pois ela tem como essência a expressão artística do fotógrafo, e não tem o intuito comercial, pois não foi contratada por um cliente.

Ao voltarmos um pouco na história, notamos que a partir da década de 1860, alguns fotógrafos abordaram temáticas da arte e fotografia juntas, embora, encontrando pouco

consenso no período em que viviam. As sociedades fotográficas e clubes de escambo de fotografias contam com nomes de artistas celebres como Julia Margaret Cameron, Oscar Gustave Rejlander e Gaspar Félix Tournachon, pseudônimo Nadar, porém os críticos de artes daquela época não consideravam a fotografia como forma de arte.

Porém, com a chegada dos tempos modernos no século XX houve uma crescente revolução das artes na Europa e nos Estados Unidos, pois a riqueza cultural desse período foi imprescindível para contribuir com a criação e existência do MoMa – Museum of Modern Art de Nova York, e do surgimento do departamento de Fotografia do museu. Logo, começaram a considerar a fotografia com imenso potencial de expressão inquestionável, tornando o MoMa a instituição de apoio fundamental para o reconhecimento da fotografia como obra de arte legítima. (DOBRANSZKV, 2008).

Aprofundamos um pouco mais na teoria da fotografia Fine Art, e partimos então para as definições e aspectos artísticos da fotografia fine art segundo Briot (2011). O autor define a fotografia fine art em alguns aspectos, e escolhemos um para contribuir com este corpo teórico onde ele diz que:

Fotografia fine art primeiramente é sobre artista; fine art diz respeito ao artista em primeiro lugar, ao assunto em segundo, e a técnica em terceiro. O artista é o elemento mais importante na criação da arte e durante sua vida há a possibilidade de ele trabalhar com diferentes assuntos e técnicas ao longo de sua carreira[...] o objetivo é a criação da obra de arte, sendo os assuntos e as técnicas veículos para alcançar esse objetivo. (BRIOT, 2011, p.4)

Foi nesse contexto que surgiu a figura de Alfred Stieglitz, fotógrafo americano filho de imigrantes alemães que revolucionou a linguagem fotográfica, defendendo-a como expressão artística. Seus conhecimentos sobre a técnica fotográfica foram adquiridos no período em que estudou fotoquímica em Berlim, no ano de 1883. Isso possibilitou que Stieglitz tivesse acesso às diversas técnicas utilizadas no meio fotográfico, e sua manipulação viria a se tornar uma grande ferramenta na busca por uma linguagem fotográfica própria. Ainda na Europa, o artista começou a tirar suas primeiras fotografias, ganhou prêmios e foi reconhecido pela comunidade internacional.

A complexidade da arte divide opiniões e concepções desde a antiguidade, cujo intuito não é determinar o que é fotografia artística do que não é. Reitero que o foco é refletir sobre os potenciais critérios que ajudem na reflexão do assunto. Gombrich (2009, p.15) inicia a discussão dos atos da expressão humana dizendo que “nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas”. E, o autor ainda reforça a preferência sobre

determinadas obras que tem relações com fatores subjetivos e culturais, não sendo possível determinar arte com “A” maiúsculo. E, isso envolve diretamente o fotógrafo Fine Art.

O fotógrafo deve considerar a si próprio um artista pois é um documento importante para quem está perseguindo uma carreira artística, pois está diretamente relacionado como o artista enxerga a si próprio, suas experiências, abordagens, objetivos e trabalho. E não sendo capaz de escrever o próprio testamento, há um impacto negativo em sua carreira artística. A Fotografia fine art é feita com o objetivo de criar uma obra de arte: que significa transpor o aspecto literal da cena ou do assunto fotografado. Significa fazer uma imagem que compartilhe uma visão particular, uma interpretação, um aspecto metafórico da mensagem. Ou seja, construir uma imagem e não apenas registrá-la. (BRIOT, 2011, p.4).

O fotógrafo artista deve demonstrar controle sobre os processos criativos e seus resultados; a sorte ou eventos oportunos podem fazer parte da criação da obra, no entanto elas têm seu valor quando o dono da obra fez o melhor que pôde para controlar o resultado. Mas, nem sempre o resultado é o que se espera. Pois, a fotografia envolve o fotógrafo e o retratado. A subjetividade junto ao repertório cultural do artista pode contribuir para a imagem fotográfica.

A consagração da fotografia vem sendo acompanhada de um novo olhar, pois apesar de ter sido considerada como ferramenta útil e simplista por anos, a fotografia está sendo apreciada pelo seu valor intrínseco substituindo o uso exclusivamente prático do equipamento pela consciente sensibilidade direcionada às imagens. (ROUILLÉ, 2009, p.5)

O julgamento da fotografia deve ser acompanhado tanto de uma descrição da imagem quanto de uma interpretação, mas não necessariamente precedido por essas duas instâncias. Muitas vezes a descrição e a interpretação já contêm, implicitamente, o julgamento do crítico. Enquanto a descrição diz respeito a informações sobre o meio utilizado, a forma e o objeto fotografado, além de dados sobre o fotógrafo e o processo de produção, tomando por referência questionamentos como “o que está aqui?”, “o que estou olhando?” e “o que eu sei sobre essa imagem?”. Por isso que a interpretação busca entender a fotografia enquanto representação ou expressão de alguma outra coisa, uma espécie de metáfora, cuja pergunta prioritária deve ser “o que isso significa?”.

A interpretação é algo extremamente complexa, uma vez que ela está envolta de conhecimentos, valores, crenças e atitudes fortemente influenciados pela cultura de quem vai ler a imagem. Cada fotografia incorpora um modo de ver e mostrar o mundo. E, para Barrett (2007, p.56), “nada poderia ser mais distante da verdade, porque fotografias são parciais e flexíveis. Nós temos que interpretar as fotografias a fim de deixar claro quais são as reflexões do fotógrafo.

Como todo processo criativo e subjetivo no campo das artes a as críticas, que podem afetar e gerar um novo processo criativo no artista, ou podem afunda-lo, pois não há compreensão da mensagem e de todo o seu contexto com a obra e sua visão daquele meio na sociedade.

A fotografia vem, gradativamente, vencendo todos os preconceitos que rondam sua aceitação no campo da Fine Art. Isso se deve, por um lado, à sua imensa capacidade de experimentação e, por outro, à sua popularização. Em uma era onde todos podem fotografar devido à democratização da fotografia oferecida pelos aparelhos de celulares, aplicativos, câmeras fotográficas, uma foto valorizada é aquela que reflete um conceito e que encerra em si cuidados de produção, edição e impressão.

A chegada da imagem digital vem ampliando, gradativamente, o espaço da fotografia Fine Art. Isso acontece porque os processos de produção e impressão tornam-se mais baratos do que com a utilização de película na época analógica. Fotografar tornou-se mais fácil, assim como o ato de armazenar as imagens.

O processo digital também apresenta certas vantagens em termos de negociação. Além da exposição oferecida pela internet – onde a foto digital auxilia na montagem de um portfólio on-line, visível em qualquer parte do mundo – a compra e venda de fotografias também é facilitada pela rede mundial de computadores. As facilidades de um portfólio na internet são especialmente úteis, uma vez que ela será visível em muitos países.

Nessa jornada da fotografia dentro da história da imagem, nota-se que muito chão foi percorrido para que hoje a fotografia seja reconhecida como arte nos museus e galerias do mundo todo. Se hoje os fotógrafos estão recebendo tratamento similar à pintores e escultores e a suas fotografias são vendidas como obra de arte é porque eles não se limitaram a “apertar o botão” nem deixaram a Kodak “fazer o resto”, como sugeria o slogan de George Eastman, em 1888.

Agora se faz importante abrir um parágrafo para um relato pessoal sobre a aplicação das teorias da fotografia contemporânea, do autorretrato, da fotografia híbrida e do estilo Fine Art no produto deste trabalho de conclusão de curso. Sendo que a junção destas três teorias foi a melhor forma de traçar caminhos para uma produção visual que voltar o olhar para o interior pessoal e, ao mesmo tempo passar minhas mensagens através das imagens. Em consequência mostrar como eu gostaria de ser vista em relação às inquietações pessoais e lembranças provocadas pelas ausências. Diante desse emaranhado a proposta é para que o público se identifique nas imagens e entendam que existem histórias por trás de cada uma delas.

Sendo assim, projetamos um foto livro para mostrar a produção autoral de alguns autorretratos (mesmo com intérpretes humanos, elas representaram a vontade da fotógrafa) e algumas fotografias híbridas como uma narrativa pessoal e subjetiva sobre memórias, inquietações e ausências, de forma sutil e aberta para novas ressignificações do público, e que eles possam construir suas próprias narrativas.

## DIÁRIO DE PRODUÇÃO POR LUIZA GOYAZ

62

Este é o momento para a produção da parte prática deste trabalho. É imprescindível falar que todas as teorias abordadas nas páginas anteriores foram importantíssimas este momento. Nesta etapa do trabalho o produto a ser descrito é um foto livro digital. Para isso, o início será como as coisas aconteceram na fase de pré-produção.

Tudo começou quando achei aqui em casa uma fotografia dos meus avôs maternos que estava perdida entre outros pertences. E, na mesma semana sonhei com a casa que esses meus avós moravam, em Bela Vista de Goiás. Nesse sonho havia uma casa em construção que estava abandonada e sua grama estava alta. Também havia animais ali por perto. O interessante que este sonho me trouxe sentimentos e lembranças sobre eles e tudo que aconteceu após os seus falecimentos e como são importantes para toda a família.

Diante dos fatos, eu quis entender esses sentimentos, e para isso busquei refletir mais sobre isso e comecei a conversar com meus familiares e procurar entender o luto para todos nós da família, e suas consequências que vieram com o tempo. Logo comecei a questionar o porquê do luto e a questão das ausências destas pessoas em nossas vidas. E, como tudo isso poderia ser apresentado em um projeto de conclusão de curso, usando a fotografia como suporte. Enfim, depois desse caminho percorrido, eu e minha orientadora chegamos à conclusão que a estética da Fotografia Fine Art poderia ser a escolha perfeita para todas as ideias que eu queria abordar. Pois, este estilo de fotografia trabalha as questões interiores do artista fotógrafo de forma muito subjetiva a ele, e era isso que eu queria apresentar neste trabalho.

Com a transição de pensamentos e da problemática do sentimento luto, o foto livro está projetado para ser dividido em 3 atos, como no teatro. O primeiro ato, a abordagem está envolta no luto, onde há a narrativa imagética amparada da textual contando um pouco do processo de perda e da ausência que minha avó teve quando o meu avô faleceu, e tudo que aconteceu com ela com o tempo. No segundo ato, as imagens mostram as minhas problemáticas em relação ao sentimento da ausência deles em minha vida. Já no terceiro ato, as dores

acumuladas e tudo o que aconteceu neste último ano de pandemia se somam e me provocam novas questões internas bem pessoais.

As escolhas dos cenários das fotografias externas foram com o objetivo de mostrar o rústico e a presença da natureza, pois era algo fundamental para meus avós, e uma forma representar de forma imagética o sonho que tive. Foram escolhidas três propriedades rurais, fazendas e chácaras no percurso da GO 070, logo após a cidade de Itaberaí, aqui no estado de Goiás. Esse ambiente rural sempre foi prioridade para a realização das fotos do primeiro ato do foto livro. E, o figurino, foi outro ponto que tinha que ser pensado para representar bem a época vivida pelos meus avós. Uma regra teria que ser seguida, a simplicidade da vestimenta e cores neutras, para não se destacarem no ambiente e se encaixar na história.

Já nas outras imagens feitas em ambientes internos foram encenadas dentro da minha casa, no meu quarto, pois é o lugar mais neutro e sem intervenções externas para as fotos serem feitas. O objetivo é que o cenário da foto não poderia tirar o foco da personagem, do indivíduo na imagem. E, a escolha do figurino também foi de cores neutras e sem muito detalhes. Pois, eles não eram o destaque da imagem, e sim um complemento. Em algumas fotografias eu quis usar roupas cor da pele para dar a ilusão de representar a nudez.

Na parte dos equipamentos tecnológicos, as fotos foram feitas com uma câmera DSLR Canon EOS Rebel T3i e um tripé. No ato do clic, era acionado na câmera a função timer e disparos contínuos, pois eu precisei me posicionar em frente à câmera. As baterias da câmera foram carregadas nos dias anteriores aos ensaios, para que não acontecesse de descarregá-las na hora do registro, e evitando atrasos.

Após todos esses detalhes ajustados, chegou a hora da segunda parte do projeto prático aqui dividida em produção e pós-produção. Nessas etapas serão pontuadas tudo o que aconteceu no dia do registro das imagens e como elas foram pensadas nos pós processamento no software photoshop como finalização estética e seguirem para a diagramação do foto livro no aplicativo Canva. Nele, foram adicionados detalhes de papel rasgados sobre as fotos para que pudessem ser colocados os textos de apoio às imagens.

A produção se inicia com a primeira fotografia do foto livro (fig.1), que conta a história da minha avó após a perda do meu avô. Para a realização dessa imagem fui para a GO 070, logo após a cidade de Itaberaí, em Goiás. E, no caminho encontrei um tronco tombado e ressecado no meio do pasto de uma propriedade rural. Repentinamente, me vieram inspirações para utilizar aquele tronco para fazer referência à sustentação que foi perdida e já está morta e tombada como representação de meu avô, que era a base da família. Eu me vesti com um

vestido branco, uma coroa de flor e um buquê de flores como referência à uma noiva vintage, minha avó. A escolha do uso das flores é para mostrar que ainda há um pouco de vida em meio aos elementos mortos. Coloquei a câmera em um tripé com a câmera e ajustei para a função timer para que eu pudesse fazer esse autorretrato.

Figura 1 – A viúva e suas Raízes.



Fonte: GOYAZ, Luiza (2021)

O processo de pós-produção da figura 1 foi a escolha das cores. O software photoshop foi utilizado no processo de edição, e retirei a saturação total da imagem, e em seguida coloquei cores onde indicava vida, como nas flores, e no céu. Foi usada o pacote de actions (ações pré processadas) da fotógrafa Danny Bittencourt para a aplicações de camadas, iluminações e cores na fotografia. Logo, permaneceram o preto e branco com algumas cores de fundo, com o toque do marrom sépia.

Com a inspiração e a procura de uma plantação foi criada a segunda foto (fig.2) do foto livro. A ideia foi trazer a natureza novamente para dar ilusão de vida, e o indivíduo que já se foi, e não está mais ali. E, por sorte encontrei uma extensa plantação de soja no caminho da rodovia, e o objetivo foi mostrar só a personagem e seu contato com a natureza, algo suave e delicado. No figurino, usei novamente o vestido branco e a coroa de flor, para dar continuidade na história da viúva, como se fosse a partida no meio de uma plantação. Naquele momento



precisei me conectar com o sentimento de perda e luto. Novamente, a câmera ficou apoiada em um tripé com a função timer ativada.

Figura 2 – A despedida



Fonte: GOYAZ, Luiza (2021)

Ainda na figura 2, nos pós processamento, a escolha de cores foi a mesma, mantive o colorido apenas no buquê e no céu para indicar vida neles, e o preto a morte. O processo começou com a edição dentro do software Photoshop, e foi retirado toda a saturação da foto. Em seguida, foi colocado cor no céu, nas flores da coroa e no buquê indicando a vida, foram aplicados o processo das actions da Danny Bittencourt, colocando máscaras em marrom e mexendo na iluminação da foto, pois a iluminação estava bem exposta.

Logo perto desta plantação encontramos um terreno que estava abandonado, e nele me veio a lembrança do sonho que estava tendo com a imagem do meu avô, então começamos a criação da imagem 3(fig.3) do foto livro, pegamos uma bota para representá-lo, como era, um homem simples, da roça; a escolha do terreno com mato alto, descuidado era para mostrar que ali faltava alguém, que não tem mais alguém cuidando, plantando, que estava tudo abandonado.

Figura 3 – E a partida

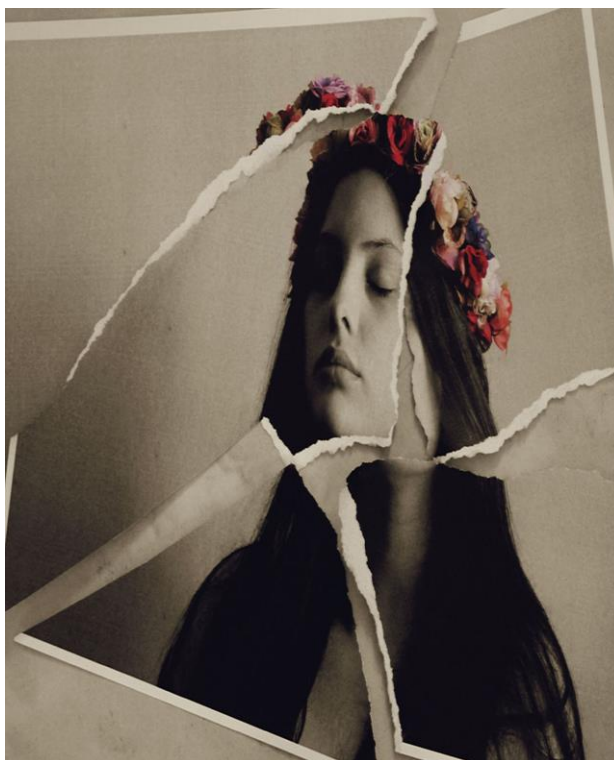


Fonte: GOYAZ, Luiza (2021)

O processo de pós-produção foi feito no software photoshop, começou por retirar um pouco da iluminação, pois estava bem exposta, logo foi retirado toda a saturação da imagem e apenas colocado cor no elemento da bota, indicando a vida ali, então começou o processo da action da Danny Bittencourt, colocando camadas de preenchimento em tons de marrom e mexendo com exposição da foto as cores e iluminação.

A imagem 4 (fig. 4) do foto livro foi feita dentro de casa, peguei a coroa de flor que foi utilizada nas outras imagens com a viúva para a continuação da história, fiz a foto em uma parede branca e com luz natural da janela lateral, coloquei o tripe e me posicionei em frente a câmera com a função timer, sem flash. Logo em imprimir a foto em papel sulfite 240 sem edições. Peguei a imagem impressa e a rasguei, e no chão peguei os pedaços em um chão branco sem detalhes e tentei colocar juntos como um quebra cabeça, a questão do encaixe que estava bagunçado, e como uma folha de papel, até colando é visto as rachaduras e foi tirado uma foto.

Figura 4 – Me despedaço

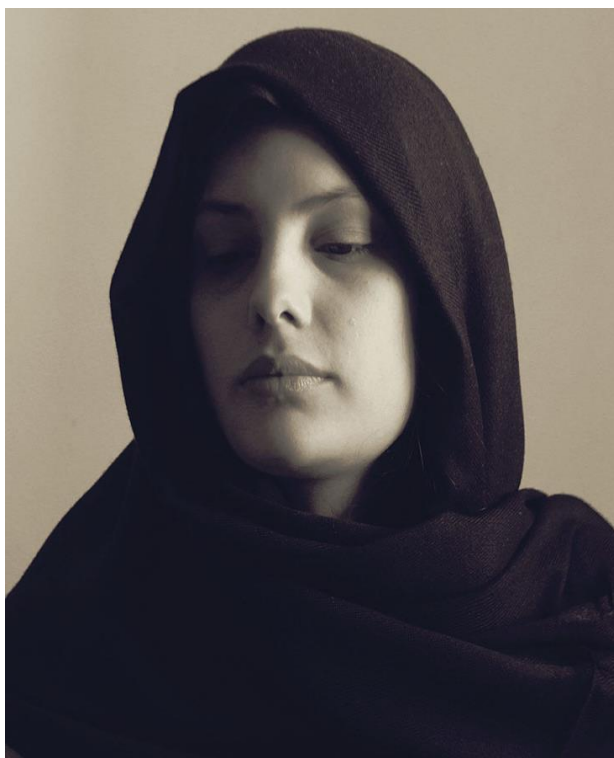


Fonte: GOYAZ, Luiza (2021)

A pós-produção começou dentro do software photoshop, com a edição da foto tirada dos recortes, e retiramos toda a saturação da imagem e foi pintado apenas as flores para indicar a vida, logo foi iniciado o processo das actions da Danny Bittencourt, colocando camadas e mesclando com tons de marrom e diminuindo a iluminação e o contraste.

A foto 5 (fig. 5) foi reproduzida logo em seguinte, sendo o desfecho do 1 ato luto, terminando a história da viúva, nela quis mostrar um rosto cansado, inchado, triste, então a foto foi feita logo quando acordei, com o rosto inchado, quis utilizar uma forma de véu na cabeça em relação a viúva e a igreja católica, uma forma de véu escuro e fazendo relação à tristeza.

Figura 5 – No eterno luto

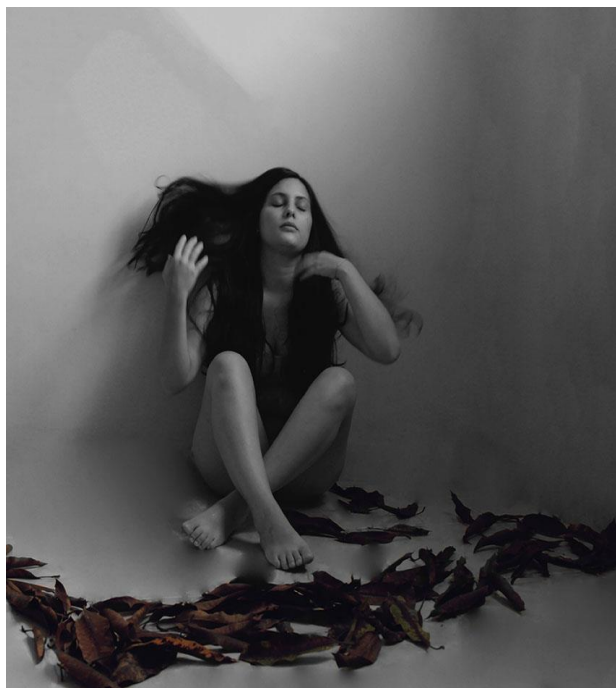


GOYAZ, Luiza (2021)

Sua execução foi em uma parede lisa e branca dentro de casa, com iluminação natural lateral da janela, a câmera no tripe e na função timer. Na pós-produção foi feita no photoshop, começou com a retirada de saturação da foto, logo a aplicação das actions da Danny Bittencourt do Fine Art, mesclando camadas de marrom, contraste e iluminação.

Começamos o segundo ato, emoções, que trataram de problemáticas internas que são presentes á muitos anos internamente e que causam desconfortos até hoje. A fotografia 6 (fig. 6), o tempo e uma das dores mais constantes, a ausência dele e sua rapidez traz a perda de momentos ou a rapidez deles, o crescimento forçado e o esquecimento do passado. Na imagem quis trazer a natureza novamente com a ilusão do tempo, então peguei folhas secas de uma mangueira no quintal de um amigo e quis posicionar elas como um caminho bagunçado, uma trilha do tempo. O figurino foi usado roupas no tom da pele para a intenção do nu, um crescimento, pois nascemos sem roupas, teto ou qualquer objeto.

Figura 6 – O tempo e seus defeitos



GOYAZ, Luiza (2021)

No processo de pós-produção dentro do software photoshop começou com a retirada total de saturação da foto, e a pintura apenas das folhas, logo foi colocado as actions da Danny, e mesclaram tons de azul e marrom em camadas e depois mexi com a iluminação para clarear a imagem, pois foi feita no final do dia com luz natural de janela, então a luz estava bem fraca.

A imagem a seguir (fig.7) do foto livro foi criada após a pesquisa de algumas referências de utilizar papel rasgado ou queimado em fotos, queria mostrar algo perdido, apagado, rasgado com o tempo, e logo veio a inspiração de queimar as folhas de um livro antigo e se deitar sobre elas com um isqueiro, indicando a queima da chama interna.

Figura 7 – Revelam uma chama interna...



GOYAZ, Luiza (2021)

A câmera foi colocada no tripé em uma posição totalmente inclinada, pois estava no chão, e logo acionei a função timer. No processo de pós-produção comecei dentro do photoshop com a retirada total de saturação da foto, logo fui pintando e devolvendo a cor natural as folhas de papel e ao isqueiro, troquei a cor dele, coloquei em um tom de azul mais claro para não destacar tanto nos tons da foto, logo saturei e iluminei as folhas de papel e assim continuei com o processo das actions da Danny Bittencourt, mesclando camadas de azul e marrom e diminuindo a iluminação.

Na próxima imagem (fig. 8) no foto livro foi uma dor interna constante há muitos anos, quis retratar a ausência da fala, e a tristeza que me trouxe ao longo dos anos. Escolhi um ambiente neutro, parede branca, iluminação lateral e natural; um figurino branco sem muito detalhes. Posicionei a câmera no tripé e deixei o timer ligado, e fiquei me movimentando na frente, queria que criasse um embaçado na região da boca, como se ela não estivesse lá.

Figura 8 – Me sinto calada



GOYAZ, Luiza (2021)

Na pós-produção dentro do software photoshop comecei com a retirada de saturação e logo a aplicação das actions da Danny, mesclando camadas de marrom e alguns tons de azul, e abaixei a iluminação junto ao contraste.

A imagem 9 (fig.9) do foto livro utilizei uma modelo, e nela quis retratar quando indivíduo fica sem a ausência de tranquilidade e se afoga nos seus problemas. Coloquei gelo em vidro e deixei embaçar e peguei o rosto da modelo e coloquei grudado no vidro como se estivesse debatendo no vidro e desistiu se afogando e ficou respingos de água.

Figura 9 – E afundando...



GOYAZ, Luiza (2021)

Na pós-produção dentro do software photoshop, começou o corte da foto, deixando apenas o rosto, para dar um tom de dramatização, logo retirei a saturação, e a aplicação das actions da Danny, mesclando camadas de marrom e azul e diminuindo a iluminação e contraste da imagem.

A imagem 10 (fig. 10) fecha este ciclo e o 2 atos, finalizando com uma das questões mais doloridas e problemáticas e a questão das raízes e a ausência do querer largar elas, me prendendo a tudo e ao passado em alguns problemas. Na imagem deixei o modelo com os olhos fechado e uma mão humana segurando-os, sendo as raízes que não deixa ver o que há na frente, o futuro, segurando no passado.



Figura 10 – Algo me prende.



GOYAZ, Luiza (2021)

Foi utilizada a iluminação natural da janela durante a manhã, e o tripe posicionando a câmera a função timer com vários disparos. Na pós-produção começa com recorte da foto, seguindo com a retirada de saturação e a aplicação das actions da Danny de fine Art, mesclando camadas com tons de marrom e azul, e diminuindo a iluminação e o contraste.

Começamos o último ato, que mostra minhas problemáticas e reflexões deste último ano de 2020/2021 com a pandemia. A imagem a seguir (fig.11) do foto livro, faz referência ao fato de estar sem ar, mais este ato e um ato de saúde e vida neste ano, a á inspiração veio após uma busca de inspirações do aplicativo Pinterest e após uma reflexão das nossas problemáticas deste último ano, a pandemia e suas dores. Foram utilizadas uma máscara descartável, flores e uma borboleta artificial e um righ light para a iluminação. A máscara foi mostrada com as flores a borboleta e foi acionado o timer da câmera e me posicionei em frente.

Figura 11 – Me sinto sufocada



GOYAZ, Luiza (2021)

Na sua pós-produção dentro do photoshop, eu fiz o corte da imagem e logo retirei toda a saturação da foto e voltar a cor natural dos elementos naturais da foto, dando um toque de vida, e em seguinte foi aplicado as actions da Danny mesclando camadas com tons de azul e marrom, e finalizei aumentando o contraste, saturação e a iluminação.

Na fotografia abaixo (fig.12) do foto livro utilizamos o fato de não poder sair por conta da pandemia e de não se sentir totalmente livre, presa a casa, família, responsabilidades. Na imagem quis passar a ideia do indivíduo de tão preso começar a ser parte daquele meio, das paredes. A escolha do cenário foi uma parede branca sem detalhes, e o figurino também branco e leve para dar movimento e deixar a questão do indivíduo ainda não está total consumido e ainda tem um pouco de domínio pelos seus movimentos.

Figura 12 – E presa a algo



GOYAZ, Luiza (2021)

75

A iluminação foi natural da janela e lateral, a câmera foi colocada no tripe e acionada a função timer e contínuo disparos. O processo de pós-produção começa com a retirada de saturação da foto e em seguida a aplicação das actions da Danny de Fine Art, mesclando camadas de marrom e azul, em seguida diminui a iluminação e aumentei o contraste.

Segue-se então para a próxima imagem (fig.13) do foto livro demos continuidade à imagem anterior, deixando a ilusão da entrega do sentir presa, não lutar para se libertar, não lutar mais com a aquele ambiente e deixando ele te consumir por inteiro, perdendo as forças. Continuamos com o mesmo figurino para manter a sequência, e o mesmo local. A iluminação foi lateral e natural da janela.

Figura 13 – Sem forças

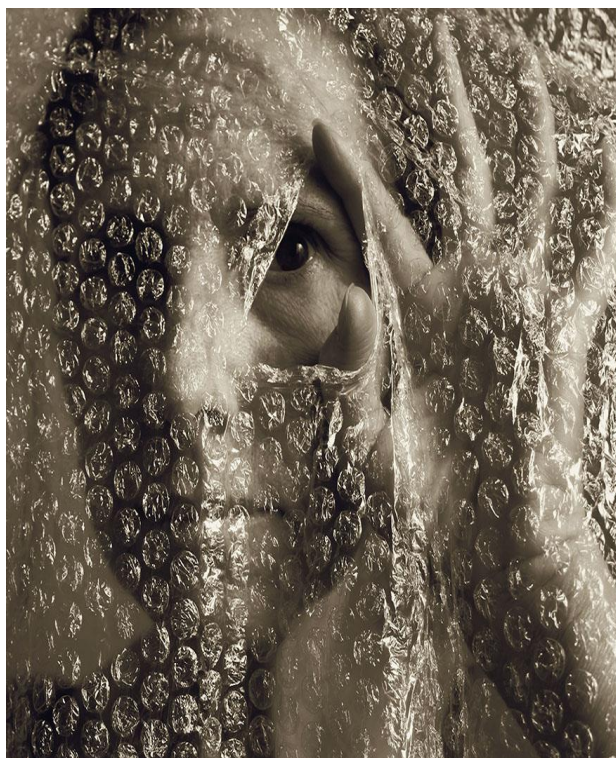


GOYAZ, Luiza (2021)

Na pós-produção começamos com a retirada de saturação dentro do software photoshop, e a aplicação das actions da Danny Bittencourt, mesclando camadas de marrom, azul e diminuindo a iluminação e o contraste.

Na imagem seguinte (fig. 14) do foto livro quis dar o início de um desfecho e das mudanças, a vontade, a curiosidade de sair, de lutar e de seguir novos caminhos. Depois de tanta entrega, medos e frustrações vem um novo dia e com ele a curiosidade. Nesta imagem foi utilizado papel bolha como a referência de segurança, pois tudo que é colocado e papel bolha e para a proteção do frágil, e durante esta época de pandemia e a proteção, mais o indivíduo e curioso para ver o lá fora, se questiona e fica cheio de ideias.

Figura 14 – Mais há inquietações



GOYAZ, Luiza (2021)

Nesta imagem escolhemos que a modelo expressa se curiosidade mais com um certo receio, o desejo de ver mais medo por trás. Foi utilizado a câmera, iluminação natural e lateral da janela. No processo de pós-produção dentro do software photoshop começou com a retirada de saturação, acionar as actions da Danny Bittencourt com o nome fine art, mesclando camadas de marrom, azul e depois diminuimos a iluminação para dar drama aos detalhes.

Encerrando o foto livro e o terceiro ato com a imagem 15 (fig.15), nela colocamos um passarinho na gaiola a frente de uma janela que tem uma textura que lembra o papel bolha, o passarinho sendo a representação do indivíduo, a gaiola a sua casa e o ambiente a proteção do papel folha, o ato do frágil está sendo protegido, mas ele também está à procura de novos caminhos, criando coragem para sair da gaiola e desbravar os resultados da nova época. A mão ao mesmo tempo que representa o controle ela pode ser a ajuda para a liberdade.

Figura 15 – Para desbravar novos caminhos.



GOYAZ, Luiza (2021)

Na pós-produção dentro do software photoshop começamos a retirada da modelo que estava segurando a gaiola, e mesclando ela com a textura do ambiente, logo em seguida foi retirada a saturação total da imagem e aplicada as actions da Danny Bittencourt do fine art, mesclando tons de marrom e azul, e foi mantido a luminosidade e o contraste.

Enfim, partimos para a montagem das fotos no aplicativo do Canva. Nele acrescentamos o efeito de papel rasgado e o texto de apoio às imagens. Eis aqui, o projeto final deste trabalho de conclusão de curso, o Foto livro: Ausências e Memórias Através das Poéticas Visuais da Fotografia Contemporânea Fine Art.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, chegamos ao momento de concluirmos este projeto com muito carinho e louvor do dever cumprido. Notamos o resultado da dedicação, foco e empenho na criação deste foto livro, no período de um ano de acompanhamento. Este editorial contém 15 fotografias, em autorretratos, lembrando que o autorretrato na estética Fine Art é quando o modelo vivo interpreta os sentimentos do fotógrafo, apresentando assim, a percepção e subjetividade pessoal dos sentimentos e ausências com os seus significados.

Tudo começou com um sonho e um desejo de fazer algo com ele. Uma vontade e uma emoção constante em meio à esta época atual de pandemia, de muita dor e perdas, decidimos então, homenagear e dar voz aos sentimentos sobre os avós maternos dentro da estética imagética fine art.

A escolha da estética foi a partir da apresentação da minha orientadora Luciana Miranda, no Centro Universitário Goiás em uma de suas aulas de Introdução à fotografia dentro do Curso de Publicidade e Propaganda, no ano de 2019. Ela nos apresentou a autora Danny Bittencourt e o seu belo trabalho de Fotografia Fine Art que é referência desse estilo estético no Brasil.

O método utilizado para o projeto foi a pesquisa qualitativa, em seu campo exploratório, dentro de estudos e leituras bibliográficas. Os instrumentos de pesquisa e de coleta de dados foram as análises de livros e artigos relacionados ao tema do projeto. A partir da criação do corpo teórico, foi criado um foto livro, sendo o tema das fotos os sentimentos diversos. A estética visual e o movimento e conceito fine art, e sua metodologia nos auxiliou na criação da foto livro, que foi exposto de forma digital/virtual.

A fotografia Fine Art gerou um encantamento e trouxe reflexões e dores antigas que puderam ser transmitidas em forma de arte para este lindo projeto. Foi um árduo processo de conhecimento sobre a história da fotografia, suas estéticas, autores e fotógrafos que contribuíram imensamente para um autoconhecimento; pois este estilo imagético traz e propõem externizar toda a visão e subjetividade do fotógrafo, sendo assim poder ser executado e apresentado de formas diferentes, livre de convenções e rótulos.

As mensagens imagéticas podem mostrar as semelhanças em algumas questões geradas pelas inquietações do autor e, o receptor da mensagem pode vir, em algum momento, se identificar com elas. Isso pode se dar através da bagagem cultural de cada um que é pessoal. Sendo assim, o intuito deste projeto foi desenvolver uma pesquisa e criar um foto livro com o estilo fine art e seus desdobramentos enquanto transmissor de mensagens.

É muito cedo dizer que acabou. Pois, em um próximo momento este trabalho poderá ser retomado. E, quem sabe, em um projeto futuro para um mestrado ou outras produções científicas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Murilo Alves de. **Fotografia fine art (belas artes) - conceituação, linguagens e processos de produção**. Intercom, Cascavel, Paraná. Maio. 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0381-1.pdf>> Acesso em: 27 abr.2021.

BITTENCOURT, Danny. **Fotografia Fine Art**. 1ed. Santa Catarina: Balneário Camboriú.2015.

\_\_\_\_\_. **Fotografia Fine Art.: Uma perspectiva sobre o termo**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1rhPLlxQMAGhSqZnL0gWDIsBxZ5XJ8miy/viewAccess>> o em: 27 abr.2021.

\_\_\_\_\_. **A Luz da Janela**. 1ed. São Paulo: São Paulo. Novembro. 2019.

COLLARES, G. **Fotografia digital e manipulação: a contribuição de Walter Benjamin para a era da reprodutibilidade de verossimilhanças**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/midiologia/GabrielCollaresBarbosa.doch63ttp://>. Acesso em 27 abr.2021.

EICHENBERG, Andrea. **A Fotografia Contemporânea tem história?** Disponível em: <<https://200.19.105.203/index.php/palindromo/article/view/5884/4566>> Acesso: 27 abr.2021.

ENTLER, Ronaldo. **Um lugar chamado fotografia, uma postura chamada contemporânea**.

Disponível em: < [http://www.entler.com.br/textos/postura\\_contemporanea.html](http://www.entler.com.br/textos/postura_contemporanea.html)> Acesso: 07 abr. 2021.

FALCAO, Janaina. **Estratégias Narrativas: O Autorretrato e a Fotografia Encenada na Construção de uma Poética Visual**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Mestrado em Artes Visuais Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2007. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2008.GT2\\_Janaina\\_Falcao\\_E\\_Luciana\\_Hartmann.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2008.GT2_Janaina_Falcao_E_Luciana_Hartmann.pdf) > Acesso em : 07 abr .2021



GATTI, F. L. O. **Autorretrato, a expressão fotográfica e o desenho simbólico.** 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais. Bahia, Salvador. Set. 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia Publica e Cultura do Visual, em Perspectiva Histórica.** Revista Brasileira de História da Mídia. Disponível em:  
< <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4056/2379> > Acesso em: 27 abr. 2021.

NEVES, Eduarda. **O autorretrato na fotografia contemporânea. Que resta do sujeito, tecnicamente falado?** NED. Espacio, Tiempo y Forma 375 Serie VII, História del Arte, t. 24, p. 375-384. 2011.

PESSOA, G.R. Helena. **Autorretrato- O espelho, as coisas.** São Paulo.2006. Disponível em:  
<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-03062009-120522/publico/4121124.pdf> > Acesso em: 20 mar.2021.

PINTO, Mônica Reis. **Fotografias fine arts: a relação entre fotografia e arte sob a ótica de André Cypriano.** 2007. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ROSSONI, Rodrigo. **Entre Documento e Expressão: a Experiência Fotográfica da Escola de Fotógrafos Populares na Favela da Maré.** Inter com, Recife, Pernambuco. Setembro. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0646-1.pdf> > Acesso: 27 abr.2021.

SCHVAMBACH, Janaina. **As Diversas Funções da Fotografia na Arte Contemporânea.** Artigo Publicado em II Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade (2007).

TAVARES, Antônio Luís Marques. **A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea.** Ed 1. julho, 2009.

*Recebido: 20 jun 2021*

*Aceito: 25 jun 2021*